

O planej. nas aulas de E.F na E.I em esc. Da red. Pub. E priv. Do munic. De M. F.  
Planning in physical education in early childhood education in the public and private schools in the Morro  
da Fumaça city – SC

## **O PLANEJAMENTO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM ESCOLAS DA REDE PÚBLICA E PRIVADA DO MUNICÍPIO DE MORRO DA FUMAÇA – SC**

Vanessa da Silva da Silveira

Francine Costa de Bom

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo verificar como são planejadas e executadas as aulas de Educação Física na Educação Infantil, em escolas públicas e privadas do município de Morro da Fumaça. Utilizou-se como metodologia a análise etnográfica, por meio de observação participante e entrevista semi-estruturada, com auxílio de diário de campo. Mediante a pesquisa, percebe-se que o planejamento ainda traz aspectos de perspectivas da Educação Física para o desenvolvimento de habilidades e capacidades motoras, e que a falta de compreensão do que é uma proposta pedagógica, acaba prejudicando no planejamento, pois os professores não têm definido o que pretendem com a educação, que tipo de homem e sociedade pretendem formar. Havendo, assim, um desconhecimento sobre as necessidades da infância e o que deve ser ensinado nesse nível de desenvolvimento.

**Palavras chaves:** Educação Física, Educação Infantil, Planejamento.

**Abstract:** The present study is of original character, having as goal to verify how the physical education classes in early childhood education are planned and executed in public and private schools of the Morro da Fumaça county. It has been used as methodology, ethnographic analysis, by means of participant observation and semi-structured interview, with help of field journal. Through research, it can realize that the planning still brings aspects of physical education perspectives to the development of skills and motor capacity, and that the lack of understanding of what is a pedagogical proposal, to end up hampering in planning, because the teachers don't have defined what they intend with the education, what kind of man and society they want to form. There is being a lack of knowledge about the needs of childhood and what should be taught to them.

**Key Words:** Physical Education, Early Childhood Education, Planning

## **INTRODUÇÃO**

Visto que a Educação Infantil é uma fase em que muitas crianças começam a frequentar a creche ou pré-escolar, se faz necessário que neste ambiente tenham professores capacitados e conscientes de seu ato político com relação aos alunos e ao mundo. Freire<sup>1</sup> aponta sobre a importância de o professor ter consciência que seu papel na escola é um ato político, mesmo porque, “[...] como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo”<sup>1</sup> (p.96).

Portanto, é necessário que o professor se compreenda como um ser inacabado. Sendo assim, a reflexão da práxis docente é fundamental, para que este ser enquanto inacabado, vá se tornando sempre mais seguro de sua prática.

### **Desenvolvimento histórico da Educação Infantil**

Segundo Freitas e Rodrigues<sup>2</sup>, as creches surgem com a finalidade de que as mães, que com a expansão do capitalismo precisam vender sua força de trabalho, tenham onde deixar seus filhos.

Porém, não foram somente as mães que passaram a vender sua força de trabalho, mas as crianças também, o que acabou por gerar ainda mais desigualdades sociais naquele período<sup>3</sup>.

Em princípio estas instituições surgiram para atender apenas as crianças de baixa renda, numa perspectiva de sanar as necessidades básicas, ou seja, assistencialista. Por conta deste início sem uma finalidade pedagógica, a Educação Infantil apresenta consigo até os dias atuais, traços deste surgimento assistencialista<sup>2</sup>.

Neste sentido, com o decorrer dos anos, começou a se desenvolver leis para suprir a necessidade de amparo à infância, sendo criadas leis e políticas públicas como o ECA de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente) e a LDB de 1996 (Leis de Diretrizes e Bases). Simão<sup>4</sup> (p.02) apresenta que “no ano de 1988, com a Carta Constitucional, a Educação Infantil passou a integrar legalmente o sistema educacional brasileiro e a Lei 9.394/96 atrela a Educação Física à proposta político-pedagógica das instituições de Educação Infantil”.

Ponce<sup>5</sup> faz uma análise mais crítica a respeito da criação de leis para a infância. Alega que a finalidade da criação dessas leis foi justamente manter “viva” a mão de obra futura, pois no período da Revolução Industrial havia muitos índices de suicídios e mortes de crianças. Foi quando a burguesia começou a perceber que estava perdendo a força de trabalho futura.

### **O quadro atual da área**

Perante este desenvolvimento histórico, Gomes<sup>6</sup> afirma que o quadro atual da Educação Física na Educação Infantil ainda prevalece muito à prática de propostas psicomotoras e desenvolvimentistas, havendo uma forte tendência à priorização da recreação, ou seja, atividades livres, e a esportivização para uma futura iniciação ao esporte de rendimento.

Simão<sup>6</sup> aponta que a Educação Física na Educação Infantil surgiu com o propósito de instrumentalizar as crianças no aspecto motor, com a finalidade de uma melhora na alfabetização dos mesmos, ou seja, a melhora do cunho cognitivo.

Neste sentido a abordagem Desenvolvimentista, é uma tentativa de desenvolvimento progressivo do crescimento físico, motor, fisiológico e afetivo social da criança. A habilidade motora é um dos conceitos mais importantes para esta proposta, pois é através dela que os indivíduos se adaptam aos problemas do cotidiano. Tendo como principal objetivo, proporcionar momentos de experiências de movimentos adequados aos níveis de desenvolvimento de cada criança, tendo muito atrelada a visão de Piaget com relação às fases de desenvolvimento da criança. Assim, [...] a Educação Física deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor seja desenvolvido através da interação entre o aumento da diversificação e a complexidade dos movimentos<sup>7</sup> (p. 05).

De acordo com Darido<sup>7</sup>, outra proposta de ensino nas aulas Educação Física, e não sendo utilizada apenas nesta disciplina, é a Psicomotora, que visa à formação integral do indivíduo, em que considera importante incluir nas aulas o conhecimento de origem psicológica dos alunos. Le Bouch, um dos maiores influenciadores da proposta, acredita que a educação psicomotora “[...] responde a uma dupla finalidade; assegurar o desenvolvimento funcional tendo em conta a possibilidade da criança ajudar sua afetividade a expandir-se e a equilibrar-se através do intercambio com o ambiente humano”<sup>7</sup>. (p.14).

A Construtivista-Interacionista é uma opção metodológica para as aulas, desenvolvida ao longo dos anos para romper com o modelo mecanicista. Portanto, é uma teoria de aprendizagem, não se caracterizando especificamente por uma proposta pedagógica, dando sustentabilidade para propostas pedagógicas. A proposta acredita que a construção do conhecimento se dê a partir da interação do aluno com o mundo, dando enfoque à disciplina como auxiliadora das demais áreas de ensino, em que “[...] o movimento poderia ser um instrumento para facilitar a aprendizagem de conteúdos ligados ao aspecto cognitivo [...]”<sup>7</sup> (p.07).

Na proposta Construtivista Interacionista, o jogo é tomado como principal conteúdo/estratégia, propondo que a criança deva aprender num ambiente lúdico e prazeroso. A proposta leva em consideração as experiências e conhecimentos que os educandos já têm<sup>7</sup>.

### **As novas propostas de Educação Física na Educação Infantil**

Com o decorrer dos anos, por conta das crises sociais, a educação começou a ser pensada de forma diferente, refletindo o quadro social de determinado momento histórico. Mediante a isso, as concepções das aulas de Educação Física começaram a tomar novos rumos, em que propostas de ensino crítico têm sido apresentadas como propostas de valorização e significação da Educação Física escolar<sup>8</sup>.

Algumas das obras mais conhecidas são a Crítico-Emancipatória, de Elenor Kunz, apresentada no livro Transformação Didático-Pedagógica do Esporte, de 1994. Sendo Emancipatória no sentido de ter uma linha de pensamento crítico, de autonomia, e de o aluno assumir decisões totais, tendo como objeto de estudo o Movimento Humano. Sendo assim “o brincar torna-se para a criança a sua forma de expressão. No seu brincar a criança constrói simbolicamente sua realidade e recria o existente”<sup>9</sup> (p.95).

Gomes<sup>6</sup> faz uma abordagem, a partir dos estudos de Kunz, sobre o se - movimentar na Educação Infantil. A proposta que vem da fenomenologia, visa que se deve possibilitar nas aulas de Educação Física na Educação Infantil o movimento expressivo da criança, em que a criança possa compreender temas como sensibilidade, percepção, e intuição humana. Com isso, aponta que há um

excesso de razão intelectual e calculista – aspectos de uma proposta pós-moderna - na educação infantil, e que por isso deveria ser permitido à criança experimentarem mais, em que suas experienciais sejam levadas em consideração nas aulas.

Também numa perspectiva crítica, a obra de um Coletivo de Autores, intitulada por Metodologia do Ensino da Educação Física, apresentada em 1992, surge como uma nova possibilidade para as aulas de Educação Física. Tal proposta de ensino tem como perspectiva a superação da sociedade capitalista, que é dividida em classes, por meio da apropriação do conhecimento científico, apreendido de forma crítica. Seu objeto de estudo é compreendido como Cultura Corporal, que tematiza formas de atividades expressivas corporais desenvolvidas ao longo dos anos pela humanidade, que se caracterizam por: jogo, dança, esportes, lutas, ginástica, entre outras. “O estudo desse conhecimento visa apreender a expressão corporal como linguagem”<sup>8</sup> (p. 62).

Com a mudança da perspectiva de educação, o jogo também toma um novo significado, diferente daquele apresentado pela proposta Construtivista Interacionista. Nascimento, Araujo, Miguéis<sup>10</sup> caracterizam o jogo (protagonizado ou de papéis) como a atividade principal da infância, em que por meio deste a criança se apropria do mundo das relações, objetos, conhecimentos e ações historicamente produzidas pela humanidade. Com isso, cabe ao professor utilizar-se do jogo com objetivo de revelar as relações humanas nele presente, fazendo a relação criança/mundo.

Nascimento, Araujo e Miguéis<sup>10</sup> (p. 295) afirmam que “assim como qualquer ser vivo, o homem, na sua relação com o mundo, apresenta necessidades que devem ser satisfeitas. Entretanto, qualquer necessidade que se apresente ao homem será sempre satisfeita por intermédio de uma atividade [...]”. Sendo assim, o jogo de papéis é a atividade<sup>1</sup> principal da criança, sendo um meio para que a criança satisfaça sua necessidade de se relacionar com o mundo, para a apropriação das manifestações historicamente produzidas pelo homem.

### **O planejamento e as rotinas na Educação Infantil**

Com o surgimento de novas propostas pedagógicas, o planejamento e o currículo sofrem influencia. De acordo com Sayão e Muniz<sup>11</sup> o planejamento está diretamente ligado ao tipo de homem e sociedade que queremos formar. Claro que o mesmo tem sua finalidade funcionalista, em que define estratégias e antecipa imprevisto. Mas deve ser compreendido acima de tudo como um instrumento de formação de homem e sociedade. “Devemos planejar então nossa ação pedagógica tendo como balizadores o tipo de Homem que queremos formar e a sociedade que pretendemos ajudar a construir”<sup>11</sup> (p. 189).

No entanto, o mesmo deve ser entendido como flexível, como um norte para organização do professor, e não como algo estagnado, não devendo ser algo que regule o pensar ou agir unilateralmente. Isso porque são muitos os imprevistos que acontecem no decorrer da realidade cotidiana<sup>11</sup>.

---

<sup>1</sup>A atividade principal não é atividade predominante, isto porque não é uma atividade que o indivíduo passa maior parte de seu tempo<sup>10</sup>.

Na Educação Infantil o planejamento deve estar sempre presente, mas há outro aspecto importante para uma aula de qualidade neste nível de ensino, sendo a rotina cultural. Sendo que esta não se refere à rotina da escola, com normatizações como horários de lanches, trocas ou do sono, mas sim a rotina que é estabelecida nas aulas. Uma vez que a rotina nas aulas da Educação Infantil é fundamental, pois, “o caráter habitual, considerado como óbvio e comum, das rotinas fornece às crianças e a todos os atores sociais a segurança e a compreensão de pertencerem a um grupo social. [...]”<sup>12</sup> (p.32). Com isso, as crianças sentem-se a vontade para discutir e resolver problemas sobre o mundo, uma vez que o espaço das aulas lhes fornece segurança.

Freire<sup>1</sup> acredita que a prática docente seja um ato político, em que a forma como os conhecimentos são apresentados aos alunos, sugerem tanto a reprodução da ideologia dominante quanto seu desmascaramento.

Portanto, ressalta-se a importância da reflexão sobre como as aulas de Educação Física bem planejadas podem trazer um bom desenvolvimento da autonomia da criança, tornando-se assim um sujeito crítico, conhecedor da realidade social em que vive, para poder ser transformador da mesma.

Neste sentido, esta pesquisa tem como **problema:** como são planejadas e executadas as aulas de Educação Física na Educação Infantil, em escolas públicas e privadas da cidade de Morro da Fumaça?

Tendo estabelecido como **objetivo geral:** Verificar como são planejadas e executadas as aulas de Educação Física na Educação Infantil, em escolas públicas e privadas do município de Morro da Fumaça.

E ainda como **objetivos específicos:** (1) Compreender como os professores conceituam a importância da Educação Física na Educação Infantil, (2) Conhecer quais conteúdos são abordados na Educação Física na Educação Infantil, (3) Identificar quais propostas pedagógicas os professores vêm trabalhando nas aulas de Educação Física na Educação Infantil, (4) Relatar detalhadamente como ocorrem às rotinas das aulas de Educação Física.

## MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo foi aprovado pelo comitê de ética da instituição UNESC, sob o nº 1.696.949. Sendo de caráter social e qualitativo, em que contou inicialmente com a participação de escolas públicas e privadas do município de Morro da Fumaça. Segundo Ferreira<sup>13</sup> a pesquisa qualitativa não mensura os dados simplesmente como questões quantitativas, mas com questões sociais que não podem ser mensuráveis.

De acordo com a Secretaria de Educação, o município possui 10 escolas que contemplam o ensino infantil, de 05 a 06 anos, na rede pública e 01 na rede privada. Todas as escolas, sob a abordagem da direção, foram convidadas a participar do estudo, sob a autorização contida na carta de aceite. E a partir dessa abordagem 10 aceitaram participar do estudo, sendo 09 públicas e 01 privada.

Sabendo da intensa rotina cotidiana das escolas de ensino regular e principalmente dos CEIS (Centro de Educação Infantil) de Ensino Infantil, e da dificuldade de atendimento a todas elas, haja vista que funcionam nos mesmos turnos, e sendo a Educação Física uma disciplina lecionada entre duas a

três vezes na semana, foi estabelecido como critério de inclusão o confronto das agendas das escolas com a agenda da pesquisadora, estabelecendo a disponibilidade entre ambas. Esse critério surgiu a partir da ausência de uma equipe de pesquisa e de um fomento externo que viabilize maior agilidade para o trânsito da pesquisadora entre as escolas.

Outro critério de inclusão foi o aceite voluntário dos professores de Educação Física das turmas de 05 a 06 anos de cada escola ou CEI (Centro de Educação Infantil), a partir das assinaturas nos termos de consentimento livre e esclarecidos. Sendo assim, por conta dos critérios mencionados a amostra se deu pelo número de 04 professores, sendo 03 de escolas públicas, em que dois eram de escolas diferentes de ensino regular e 01 de um CEI (Centro de Educação Infantil) e por fim 01 professor da rede privada, para que assim possa se ter um comparativo entre as duas redes.

As aulas observadas e as entrevistas com a amostra foram realizadas entre os meses de agosto a novembro, em que os agendamentos foram realizados mediante conversas com os professores e suas respectivas disponibilidades a atender a pesquisadora.

Num primeiro momento foi realizada a observação participante, que se caracteriza pela observação de cada professor durante duas aulas seguidas, numa mesma semana. Segundo Ferreira<sup>13</sup> na observação participante o pesquisador tem maior possibilidade de observar as mais variadas situações e fenômenos do objeto de estudo que muitas vezes não são obtidas por meio das perguntas.

Durante as observações, a pesquisadora permaneceu junto aos pesquisados, porém, tomando certa distância para não interferir na realidade observada. Para auxiliar no apontamento das observações, foi elaborado um diário de campo com os seguintes aspectos observacionais: (1) acolhida do professor à turma, (2) linguagem docente durante a explanação das atividades envolvidas na aula, (3) conteúdo ministrado na aula, (4) participação dos alunos, (5) organização dos materiais e preparação do ambiente de prática, (6) participação docente durante a aula, (7) Encaminhamentos finais da aula. Esses aspectos foram elencados a partir das diretrizes educacionais apontadas na literatura do estudo.

Num segundo momento, realizou-se a entrevista semiestruturada com 14 perguntas que visavam responder aos objetivos da pesquisa e 06 perguntas para identificação dos entrevistados, sendo este o segundo instrumento de coleta de dados. Segundo Marconi e Lakato<sup>14</sup> neste tipo de pesquisa o entrevistador tem maior liberdade no momento dos questionamentos, em que não segue uma estrutura formal ou rígida.

Após a coleta de dados foi realizada uma análise com a técnica de triangulação, a partir dos dados da entrevista semiestruturada, da observação participante e dos autores que embasaram as pesquisas na área.

No referido texto tratamos por professor A, B, C e D como nomes fictícios, para manter a integridade e sigilo dos mesmos. Sendo que destes quatro, apenas um é do sexo masculino, e por conta disso todos foram tratados no gênero masculino, justamente para não expô-los.

Pelo fato de o estudo ter como instrumentos de pesquisa a observação participante de 02 aulas e a entrevista semiestruturada, vale deixar explícita a compreensão de que os resultados abaixo estão baseados nos discursos verbais da amostra pesquisada, bem como das aulas observadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Sendo assim, a presente pesquisa contou com a colaboração de 04 participantes, sendo que destes, dois têm idades de 25 á 30 anos, e os outros dois apresentam idades entre 34 á 40 anos. Três dos participantes tem vínculo empregatício como ACT's (Admitido em caráter temporário), e um contrato CLT (Consolidação das Leis de Trabalhistas). Os mesmos contêm horários variados em relação à quantidade de horas/aulas na Educação Infantil, variando de 06 á 30 horas.

Quanto à escolaridade, 03 apresentam ensino superior completo com especialização e um deles apenas a graduação. O tempo de formação apresenta três variantes, sendo dois professores com formação de 06 a 09 anos, um professor com formação de menos de um ano, e por fim um professor com 02 a 05 anos. Em relação ao tempo de experiência com a Educação Infantil, todos apresentam de 02 a 05 anos.

Os parágrafos a seguir foram divididos em subtítulos para melhor responder a cada objetivo do presente estudo.

### **O planejamento e execução das aulas de Educação Física na Educação Infantil.**

Para responder o objetivo geral da pesquisa, foram realizadas 12 perguntas com a finalidade de dar maior coerência a tal objetivo. Sendo que as respostas foram analisadas e articuladas a entrevista e as aulas observadas.

Ao questionar se os mesmos utilizavam alguma literatura para auxiliar no planejamento, os professores A, B, e C disseram pesquisar em sites, livros de atividades, livros infantis, e livros da escola. O entrevistado D alegou que tudo parte do projeto, que a partir do mesmo escolhe o conteúdo para trabalhar o tema do projeto. Ficando-nos subentendido que nenhum se utiliza de algum livro de proposta pedagógica.

Neste sentido, a resposta acima dá indicativos da outra pergunta, que se referia à maneira que os mesmos utilizavam para selecionar os conteúdos. Mediante a isso, responderam que escolhem a partir das habilidades, como foi o caso do professor B, que alegou dividir por habilidades no primeiro semestre e por questões mais de trabalho em equipe no segundo semestre. Tal divisão por habilidades vai ao encontro da proposta desenvolvimentista apontada por Darido<sup>7</sup>, em que os conteúdos são organizados de acordo com uma ordem de habilidades, partindo de atividades mais simples para as mais complexas.

Outros dois disseram selecionar a partir do projeto, ficando nítido como os projetos acabam influenciando nas aulas de Educação Física, retrazando aspectos de aulas na perspectiva Construtivista-Interacionista que Darido<sup>7</sup> aponta, ou seja, a Educação Física como suporte as outras disciplinas de “sala”, em que também acaba por descaracterizar o sentido dos projetos que as autoras Barbosa e Horn<sup>15</sup> (p. 35) apontam, sendo que estes são uma possibilidade de que as crianças aprendam “[...] os diferentes conhecimentos construídos na história da humanidade de modo relacional e não-linear, propiciando às crianças aprender através de múltiplas linguagens, ao mesmo tempo em que lhes proporcionam a reconstrução do que já foi aprendido”

Por fim o professor A trouxe uma resposta diferenciada, alegando ser difícil selecionar os conteúdos na Educação Infantil, pois qualquer atividade que se faça com os mesmos vai apresentar traços

de diversos conteúdos da disciplina. Alegando ainda que o que dá para trabalhar é o básico como os movimentos, o pular, o saltar, afirmando: “o que dá para trabalhar é a psicomotricidade”.

Após, foi questionado como se organizavam para planejar e qual a periodicidade. Neste sentido, três professores alegaram fazer planejamento semestral, juntamente com o projeto. Ainda complementaram falando que a partir do semestral, elaboram o planejamento mensal, semanal e diário.

O professor D alegou não ter uma periodicidade, em que faz um planejamento geral e no decorrer das aulas vai estabelecendo atividades para tal planejamento. Esta resposta se contrapõe ao que os autores Sayão e Muniz<sup>11</sup> apontam sobre o planejamento, em que este deve ser o norte de homem que devemos formar. Por isso traça-se os objetivos e atividade para alcançar tal homem e sociedade.

Ao questionar se os mesmos apresentam seus planejamentos para a coordenação pedagógica ou para a direção, o professor D alegou que apresenta seu planejamento para a direção escolar impresso e que coloca o mesmo no sistema online do município, alegando que é importante apresentar para que a direção tenha conhecimento do que vêm sendo desenvolvido nas aulas. Com tal afirmação fica-nos a dúvida: se todos os professores trabalhassem de acordo com o PPP (Projeto Político Pedagógico), seria realmente necessária esta apresentação e cobrança dos planejamentos dos professores? Isso porque no PPP, consta o tipo de homem e sociedade que pretende ser formado, sendo este um norteador da prática pedagógica do professor<sup>8</sup>.

Dos 04 entrevistados, três apresentam o planejamento para a direção escolar, sendo que apenas um professor, da rede pública, possui coordenadora pedagógica.

Mediante a isso, fica a dúvida de que conhecimento tal diretora tem sobre a disciplina específica, como a mesma pode estar avaliando sem ter o conhecimento sobre o objeto de ensino da disciplina?

Perante a isso os 04 entrevistados consideram importante apresentar o planejamento, trazendo afirmações como o professor A, que alega: “é importante até pra gente estar se empenhando, porque desde o momento que não é cobrado, não é lembrado, e às vezes até a gente deixa de fazer”. O professor B afirmou que “acho bom, porque geralmente, às vezes, o projeto cai mais para a parte pedagógica das professoras, então tem muitas dúvidas que eu tenho que elas me ajudam, a parte da coordenação, onde eu posso inserir um pouquinho mais dentro da aula de Educação Física”. A partir da resposta do professor B fica subentendido que as aulas são direcionadas mais para auxiliar o ensino lógico-matemático, como é a proposta Construtivista-Interacionista<sup>7</sup>.

Por fim, o professor C alega que “às vezes é importante, às vezes não, porque o professor sabe o que tem que fazer, ele também faz o seu projeto ele também está inserido dentro do projeto, ele já sabe o que vai trabalhar então assim entre aspas ninguém é criança pequena, somos professores, somos educadores, então eu creio que ele é importante porque tem alguém que está ali para fazer esse serviço”. Com isso, apresenta falas que parecem acreditar ser necessário o professor ter maior autonomia e consciência do seu papel enquanto educador. Porém, isso se contradiz na sua prática, pois suas aulas observadas não havia direcionamento pedagógico, parecendo não estarem vinculadas a nenhum planejamento.



Quando questionados de como ocorre à participação dos alunos na elaboração do planejamento, os professores A, C e D, alegaram ter um plano pronto no início e que a participação que às vezes acontece, no caso deles trazerem algum tema que tenham curiosidades no decorrer das aulas.

O professor B afirmou que procura fazer atividades que os alunos gostam, pois levou atividades diferenciadas e os mesmos não gostaram. Com isso fica o questionamento, será que deve ser levado apenas o que o aluno gosta ou devemos levar novos conhecimentos? Sendo este o papel da educação escolar escola, apresentar novos conhecimentos aos alunos, não ficando apenas no seu conhecimento, muitas vezes, empíricos. Saviani<sup>16</sup> (p. 86) afirma que “o aluno empírico, o indivíduo imediatamente observável, tem determinadas sensações, desejos e aspirações que correspondem à sua condição empírica imediata”. Portanto, tais aspirações muitas vezes não correspondem a sua condição social real, enquanto indivíduo concreto.

Quando questionados quais circunstâncias levam a modificação do planejamento, os professores A e B alegaram questões climáticas e andamento da turma, ou seja, o ritmo da mesma. Isso se enquadra no que Coletivo de Autores<sup>8</sup> aponta sobre o tempo pedagogicamente necessário para o trato com o conhecimento, sendo o tempo necessário para que o aluno assimile o conhecimento, que foi sistematizado e organizado pelo professor.

Os professores C e D alegaram como fatores de modificação, apenas questões climáticas, ficando subentendido que consideram o planejamento de forma mais rígida e não como algo flexível, não levando em consideração as necessidades da turma.

Neste sentido, para um bom acompanhamento do ritmo da turma, é necessário que o professor tenha anotações sobre este aspecto, inclusive por se tratar de disciplina específica, em que os professores possuem várias turmas. Por isso, foi questionado se os mesmos fazem algum tipo de anotação, de que forma anotam. Todos alegam fazer anotações, variando de anotações mensais ou não tendo periodicidade, anotando em seus cadernos, justamente para depois fazer a avaliação semestral.

Quanto aos pontos reflexivos que anotam, todas apontam para as questões motoras. Inclusive o professor A disse anotar se o aluno esta fazendo determinado movimento de acordo com sua idade. Este aspecto se remete aquilo que Jean Piaget afirmava sobre as etapas de desenvolvimento das crianças, sendo superadas as etapas de cada idade, se expressando na concepção de aulas de Educação Física desenvolvimentista<sup>7</sup>.

Além desta resposta, destaca-se a visão dos professores voltada as questões comportamentais, reproduzindo a ideia de avaliação utilizada nas décadas de 1960 e 1970, que utilizava-se da psicologia do desenvolvimento, avaliando aspectos comportamentais, em que eram divididos em área cognitiva, afetiva e motora<sup>15</sup>.

Ao serem questionados sobre as dificuldades que encontram em por seus planejamentos em práticas, todos os 04 entrevistados apontam como dificuldades a falta de material e espaços adequados. O professor C ainda aponta a dificuldade de conciliar a teoria e a prática.

Esta fala reflete uma contradição que muitas vezes se escuta falar, pois toda teoria parte de uma prática, ela surge para explicar a realidade. “A teoria é uma representação, uma imagem, um reflexo, um signo de uma realidade que – cronologicamente, ontologicamente – a precede”<sup>17</sup> (p.11).

Essas dificuldades estão diretamente ligadas a uma carência de reflexão sobre a práxis docente. Percebe-se que os professores possuem certa compreensão de que seu papel está para auxiliar no aprimoramento da capacidade/habilidade motora em sua maioria, e para subtrair resultados desse objetivo com a realidade da escola fica realmente muito difícil de ser visualizada, até porque as necessidades da infância permeiam uma ludicidade que precisa ser muito pensada. O jogo é a sua atividade principal, logo, se o professor não compreende os conteúdos essenciais da infância, ele terá dificuldade de compreender a viabilidade do seu planejamento, que está em outra direção, apontando para certa instrumentalização.

Por fim, a última questão feita aos professores era sobre como eles costumam avaliar o resultado da aprendizagem, vinculado a cada planejamento. Com isso, o professor A alega que avalia “se a vivência deu certo” e ainda se o aluno não fez, busca saber o porquê, apresentando aspectos talvez de uma auto avaliação de sua prática. Afirmando ainda que avalia cada aluno na sua singularidade, pois mesmo que o aluno não desenvolva da forma que esperava ou gostaria, o aluno brincou da sua maneira, e que se o aluno participa já é algo positivo a ser avaliado. Estas falas da professora, e outras durante a entrevista, parecem se remeter a concepção apontada por Gomes<sup>6</sup>, sobre o se - movimentar da criança, de forma mais livre e que experimente as vivências propostas.

O professor B alegou fazer a avaliação de acordo com os objetivos do planejamento. Porém, a entrevistadora teve que dar alguns indicativos para que o entrevistado conseguisse compreender a pergunta. Com isso, não pode ser tomada como total verdade. O professor D alegou que costuma avaliar a forma rápida dos alunos aprenderem e a forma que estão praticando, ou seja, avaliando apenas questões motoras.

Por fim o professor C destaca aquilo que Barbosa e Horn<sup>15</sup> apontam sobre a avaliação na concepção de 1960 e 1970, alegando que avalia o que o aluno se desenvolveu socialmente, psicologicamente, intelectualmente e na interação com o grupo. Vale ressaltar que tal disse, em relação a outra pergunta, trabalhar de acordo com a proposta sócio-interacionista, o que dá indicativos de que sua avaliação vai ao encontro da proposta que disse trabalhar.

### **Rotinas culturais nas aulas de Educação Física**

Corsaro<sup>12</sup> aponta que a rotina cultural é essencial para que a criança se sinta segura em determinado grupo, sendo fundamental que se estabeleça uma rotina fixa nas aulas. Portanto, foi questionado se os mesmos consideram importante a rotina em suas aulas e quais rotinas culturais estão presentes. Sendo assim, os quatro entrevistados declararam considerar importante, falando que “é essencial”, ou “com certeza é importante”.

O professor A, alegou considerar importante, mas que não seja necessariamente obrigada todas as aulas serem iguais. Utiliza-se de rotinas como círculo para explicar a atividade, receber os alunos na sala, fazer orientações sobre as atividades, reflexões ao final da aula. Sendo que tais rotinas foram perceptíveis nas observações de suas aulas, percebendo-se claramente que os alunos estavam adaptados às rotinas das aulas, como por exemplo, no início da aula todos ficavam na sala esperando para que se deslocassem para o pátio da escola, quando a mesma chamava para conversas ou *feedbacks* todos se

posicionavam em círculo ou sentavam. Isso lhes permite que tenham um espaço seguro para questionar e resolver problemas pertinentes na aula<sup>12</sup>.

O professor B destaca aspectos de rotina voltados à metodologia da aula, como Corsaro<sup>12</sup> aponta, ou seja, como uma dinâmica para organizar didaticamente os afazeres que na aula surgirão, sendo procedimentos que auxiliam na compreensão do conteúdo a ser discutido em aula. Portanto, apontou como principais rotinas: alongamento, parte principal e finalização da aula, sendo que tais rotinas ficaram claramente explícitas nas observações de suas aulas. Esta fala do professor se caracteriza muito por uma organização de uma aula tradicional, em que há esta separação metodológica das aulas, por momentos específicos de desenvolvimento da mesma. Com isso, se contradiz ao alegar seguir a proposta Crítico-Superadora.

O professor C caracterizou sua rotina basicamente pela construção de filas para todos os momentos da aula como, saída ao banheiro e lanche, falando que tudo tem fila. Afirmando ainda que faz a chamada, e uma “conversa com eles o que vai ser hoje e o que pode ser amanhã”, caracterizando estes aspectos como sua rotina. Porém nas observações de suas aulas, tais aspectos não puderam ser perceptíveis, isso porque, uma de suas aulas foi desenvolvida dentro de sala e com os alunos brincando livres com seus brinquedos e com o dos colegas. Na segunda aula observada os alunos brincaram de amarelinha, mas sem poder se sujar por conta de uma festa de aniversário que iriam participar.

Por fim, o professor D declara com a seguinte fala a importância da rotina nas aulas: “com certeza, isso é uma das coisas que também eu tento focar bastante, como tu falou fila”, e ainda “o respeito, o comportamento, a participação deles ativa, isso eu acho bastante importante”. Mediante a isso, percebe-se que talvez o mesmo não tenha conseguido distinguir o que é uma rotina nas aulas, mesmo com a pesquisadora tentando explicar anteriormente o que poderia ser uma rotina.

Isso ficou mais nítido ainda na pergunta seguinte, sobre como estava organizada sua rotina e quais momentos não poderiam faltar no processo de ensino aprendizagem, em que o mesmo respondeu que a sua rotina se dá pela divisão das aulas. Ou seja, na primeira aula da semana que é faixa, uma aula é desenvolvida na sala de aula A segunda aula é na rua com atividades direcionadas e a terceira aula da semana, se caracteriza por atividades na rua “mais livres ou mais light” como o mesmo apontou, para que os alunos possam descontraírem.

Tal fala foi contraditória a sua prática. Isso porque nas observações das aulas, os alunos não apresentaram, em momento algum, traços de uma rotina estabelecida, pois saíram correndo pela estrada, sem formarem fila. Alguns ficaram correndo e brincando no pátio enquanto o professor pegava os materiais. Com isso, parece-nos que não havia um planejamento para aquela aula e nem uma rotina de filas como o mesmo alegou na entrevista.

### **A visão docente sobre a importância da Educação Física na Educação Infantil**

A percepção que o professor tem sobre a importância de sua disciplina na educação é fundamental, pois saberá qual seu papel na escola. A partir disso poderá desenvolver um planejamento de acordo com o tipo de homem e sociedade que pretende formar.

Mediante a pergunta de como conceituam a importância da Educação Física, três citam aspectos de uma perspectiva ainda muito ligada ao desenvolvimento motor, alegando argumentos como o “desenvolvimento de habilidades motoras”, “desenvolvimento da psicomotricidade” e “desenvolvimento da coordenação motora”. Estas respostas vão ao encontro daquilo que Gomes<sup>6</sup> apresenta sobre ainda ter uma visão de Educação Física infantil, voltada a questões do corpo, atrelada ao desenvolvimento de habilidades motoras.

No entanto, de acordo com as observações, um destes três professores não condiz com o que aponta ser essencial nas aulas, pois na observação de sua aula os alunos ficaram a todo o momento livres, não tendo nenhum direcionamento, sendo assim não havia um desenvolvimento das habilidades motoras como o mesmo almeja enquanto papel da sua área.

Apenas o professor A cita aspectos de uma Educação Física crítica, alegando como papel da área possibilitar a vivência para explorar o movimento, uma vez que nos tempos atuais os alunos ficam muito tempo dentro de casa. Vale salientar que ficar muito tempo dentro de casa não significa que a criança não brinque. É preciso averiguar as relações de pares dessa criança, algo que vai além da proposta do estudo e também do próprio conhecimento da professora.

Esta fala pode ser percebida nas observações de suas aulas, em que o professor estava sempre desenvolvendo a aula com atividades direcionadas e que apresentavam algum objetivo, indo além do desenvolvimento da psicomotricidade, trabalhando explicitamente de acordo com o projeto da escola, que era literatura.

Em suas aulas, a caráter de exemplo, o professor A desenvolveu na primeira aula observada, uma atividade envolvendo a tocha olímpica, tratando do conhecimento científico com os alunos, num contexto lúdico, sendo que o conhecimento científico “ou saber escolar é o saber construído enquanto resposta às exigências do seu meio cultural informado pelo senso comum”<sup>8</sup> (p. 31).

. Na segunda aula deu continuidade ao conteúdo, trazendo atividades do atletismo, contadas por meio de uma história infantil. Havendo uma sequência do conhecimento, transparecendo que havia um planejamento e um objetivo de aprendizagem a serem alcançados.

Relacionando com o subtítulo acima, que fala sobre a avaliação, percebemos que também não há coerência entre o papel de relevância da Educação Física com o processo avaliativo. Visto que de acordo com Nascimento, Araujo e Miguéis<sup>10</sup> o jogo protagonizado é a atividade principal da infância, e é por meio dele que as crianças se apropriam das experiências sociais, cabe ao professor por meio deste desvelar as relações sociais implícitas, para que a criança se aproprie de tais relações, se desenvolvendo enquanto personalidade.

Os professores que almejam habilidades/capacidades motoras parecem não conseguir desenvolver um processo avaliativo que faça jus aos objetivos. Os discursos em relação ao processo avaliativo quando confrontados com o papel principal da Educação Física na Educação Infantil ainda são muito rasos.

### **Conteúdos abordados nas aulas**

Ao questionar os professores sobre quais conteúdos os mesmos abordam, nenhum dos entrevistados conseguiu responder realmente com coerência, ficando vagas as respostas. Trouxeram mais questões de métodos para desenvolver o conteúdo, do que o conteúdo propriamente dito.

O professor A, alegou que é difícil abordar um conteúdo da Educação Física na Educação Infantil, pois todas as atividades se encaixam nos conteúdos da área. Alegando ainda que é muito amplo, e que nesta faixa etária cabe desenvolver primeiro o básico que é o movimentar, o correr, o pular, alegando que “o que dá de trabalhar é a psicomotricidade”. Percebe-se que este termo “movimentar” que o mesmo traz, vem de uma perspectiva de movimento base para futuras atividades a serem desenvolvidas, e não um se-movimentar de forma expressiva<sup>6</sup>.

Com isso, fica visível que este professor tem confuso o que seria realmente conteúdo da Educação Física, não percebendo, por exemplo, que o jogo é um conteúdo essencial da Educação Infantil. Que por meio do mesmo a criança se apropria da realidade social, e que por meio do jogo estabelecem relação com o mundo<sup>10</sup>.

Mas para isso é necessária à mediação do professor. Isso porque, por meio da atividade, a criança vai se apropriando de novas formas de condutas, porém estas formas de conduta ainda estão na zona de desenvolvimento próxima, ou seja, a criança ainda não desenvolve tal conduta de forma autônoma. Sendo assim, se faz necessário a colaboração de indivíduos experientes, para que haja uma internalização das funções psíquicas superiores e assim tais formas de conduta possam fazer parte do nível de desenvolvimento real da criança<sup>10</sup>.

O professor D, não soube exatamente responder o que trabalha, declarando apenas que desenvolve de acordo com o projeto. No entanto, este professor é aquele que nas observações deixava os alunos livres, portanto, parece-nos que não havia um conteúdo sendo tratado.

Ao responder, o professor B disse que divide os conteúdos pelas habilidades motoras, que no primeiro semestre trabalha a lateralidade e o equilíbrio, e no segundo desenvolve jogos cooperativos e trabalho em equipe. Por fim, declara que nunca perde o foco principal, que é a lateralidade, o equilíbrio, a noção de espaço, ou seja, aspectos de desenvolvimento da psicomotricidade. Sendo que esta sua fala vai ao encontro de suas aulas observadas e como o mesmo define a importância da Educação Física, sendo essa para desenvolver a psicomotricidade.

No entanto, as respostas elencadas pelo professor B se contradizem com a proposta que diz atuar. O mesmo numa pergunta a seguir, que se referia a qual proposta pedagógica se utilizava, alegou trabalhar de acordo com a proposta Crítico Superadora. Com isso, se atuasse de acordo com a mesma, apresentaria como determinantes para a escolha dos conteúdos os princípios curriculares no trato com o conhecimento, para a seleção do mesmo, apresentados pela obra do Coletivo de Autores<sup>8</sup>, sendo que mencionaria como conteúdos as atividades da Cultura Corporal: dança, jogo, esporte, etc..

Por fim, o professor C alega que desenvolve atividades com fim de possibilitar a expressão corporal, esquema corporal, sentidos, coordenação motora, cantigas de roda, histórias de faz de conta, gincana e aulas livres para eles “interagirem”. Apontamos este enfoque para o termo “interagirem”, pois em muitos momentos o professor trouxe falas em relação a deixar os alunos interagirem, ou praticarem o interacionismo. Com isso, é possível perceber que o mesmo traz aspectos voltados ao que é o

interacionismo, que de acordo com Darido<sup>7</sup> tal proposta afirma que o aluno constrói seus conhecimentos a partir da interação com o meio.

Ainda com relação à questão anterior, os quatro professores trazem um aspecto em comum, que é o projeto semestral, em que todos declaram desenvolver seus planos, de acordo com o projeto semestral da escola ou CEI. Porém, trazem numa forma destorcida do que Barbosa e Horn<sup>15</sup> apresentam por projeto, sendo aquele que dá a possibilidade de abordar os diversos conhecimentos por meio das múltiplas linguagens.

Mediante a isso, em momento algum foi citado algum conteúdo efetivamente, e sim formas didáticas e metodológicas, como por exemplo, o projeto que é uma ferramenta que auxilia na organização do processo de compreensão de um determinado conteúdo.

Com isso, a proposta que Coletivo de Autores<sup>8</sup> aponta sobre os ciclos de escolarização, a Educação Infantil estaria no primeiro ciclo que é o de Organização da Identificação dos Dados da Realidade, sendo que neste ciclo cabe a escola, e mais específico ao professor “[...] organizar a identificação desses dados constatados e descritos pelo aluno para que ele possa formar sistemas, encontrar as relações entre as coisas, identificando as semelhanças e diferenças”<sup>8</sup> (p. 35). Afirmando ainda que neste ciclo o aluno se encontra no período da experiência sensível, em que se devem utilizar-se dos as referenciais sensoriais na relação com o conhecimento.

### **Propostas pedagógicas**

Ao serem questionados em qual proposta pedagógica atuam, três dos professores não apresentaram respostas coerentes. O professor A, aparentemente, pareceu-nos ter conhecimento de como funciona as propostas críticas, alegando inclusive que já trabalhou com a Crítico-Emancipatória, mas que “no momento não está engessado em nenhuma”. Percebe-se que o mesmo acredita ser possível trabalhar com todas as propostas ao mesmo tempo, não tendo claro que cada proposta de ensino tem uma finalidade e objeto de estudo diferente, com uma formação de homem e mundo próprio.

Já o professor B afirmou atuar na proposta Crítico-Superadora, o que foi bem contraditório. Isto porque nas suas aulas não foi possível perceber nenhum aspecto de aula crítica, inclusive foram poucos os momentos que abriu espaço para os alunos se expressarem. Ficando mais contraditório ainda pela sua resposta na entrevista, pois alegou como finalidade da Educação Física trabalhar a psicomotricidade, e não a cultura corporal, como Coletivo de Autores<sup>8</sup> menciona ser objeto de estudo. Sendo que quando questionado demorou a responder, tendo inclusive que pegar o caderno para lembrar-se do nome da proposta.

O professor C disse que as propostas pedagógicas dependem de cada nível de ensino, em que caberia ao professor escolher de acordo com a necessidade da turma. Fica-nos claro sua falta de compreensão a respeito das propostas pedagógicas, sendo que a proposta pedagógica se utiliza de outras áreas como a filosofia e a sociologia, que por vezes tem vertentes diferentes e contraditórias. De acordo Coletivo de Autores<sup>8</sup> (p. 24-24) a pedagogia “[...] é a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a educação”.

Este professor C alega trabalhar na Educação Infantil com a proposta Sócio-Interacionista, em que cabe ao professor deixar os alunos interagirem entre si, sendo este inclusive um dos seus argumentos em relação à seleção do conteúdo. Em sua primeira aula observada, por estar chovendo, a aula não teve direcionamento, ficando todos os alunos livres, brincando entre si com seus brinquedos na sala.

Por fim, o professor D disse não seguir nenhuma proposta específica, utilizando todas. Com isso, fica claro que tanto o professor C quanto D, não têm conhecimento do que seria uma proposta pedagógica e que cada proposta tem um princípio filosófico/sociológico que o norteia e embasa, tendo assim objetivos diferentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Deixamos nossas considerações de que é necessário fazer uma reflexão quanto ao tipo de formação que os entrevistados contiveram e qual concepção de Educação Física obtiveram na sua formação, mesmo que o tempo máximo de formação seja 09 anos. Barbosa e Horn<sup>15</sup> apontam esse quadro atual da área, em que a formação de professores na área da Educação Infantil ainda é muito precária, sendo que nas formações dificilmente têm-se experiências ou pesquisas relacionadas à área da infância.

Contudo, percebe-se que o planejamento ainda traz aspectos de perspectivas da Educação Física para o desenvolvimento de habilidades e capacidades motoras e que pela falta de compreensão do que é uma proposta pedagógica, acaba por prejudicar no planejamento, pois os professores não têm definido o que pretendem com a educação, que tipo de homem e sociedade pretendem formar. Havendo também um desconhecimento sobre as necessidades da infância, bem como o que deve ser ensinado para as mesmas nesta faixa etária. Sendo que de acordo com Nascimento, Araujo e Miguéis<sup>10</sup>, a partir de estudos de Leontiev, a atividade principal da criança é o jogo.

Além disso, a compreensão da Educação Física ainda merece maior atenção por parte desses professores, pois somado ao fato de conhecerem razoavelmente as necessidades da infância com a falta de aprofundamento no real papel da Educação Física nesse nível, resulta numa práxis de pouco teor no trato da apropriação do conhecimento, pouco envolvimento efetivo com o conteúdo, não levando o educando a pensar sobre suas ações e ampliar seu repertório da cultura corporal.

Mediante a isso, a avaliação deve ser pensada numa concepção crítica, como Coletivo de Autores<sup>8</sup> aponta, em que a mesma não deve servir apenas para avaliar a aprendizagem, mas o ensino também, pois a forma como o professor ensina o conteúdo, suas metodologias e o tempo pedagogicamente necessário são fatores de grande peso neste momento.

Com isso, constatamos que há uma luta de classes entre educação pública e privada como Ponce<sup>5</sup> afirma existir. Sendo que a classe trabalhadora ainda conta com profissionais despreparados, e claro que isto tudo parte de uma ideologia dominante que visa manter seu status quo, por meio de uma educação de qualidade aos que irão “comandar a sociedade” e uma de má qualidade aos que serão apenas vendedores de sua força de trabalho, ou seja, a classe trabalhadora.

Uma proposição que pretendemos deixar é com relação à apresentação de projetos e planejamentos a direção das escolas. Acreditamos que quem deveria estar fazendo esta função fosse um

professor da disciplina específica. Isso porque, muitas vezes quem avalia os planejamentos de disciplinas específicas são as pedagogas e não alguém da área específica, o que pode acabar influenciando nas aulas do professor de Educação Física, pois uma pedagoga não tem conhecimento do objeto de estudo da Educação Física.

Pretendemos também deixar explícito as limitações do estudo, pelo pouco tempo de observação participante. Perante a isso, uma sugestão seria a análise etnográfica longitudinal, a análise do discurso das crianças sobre o que compreendem e sentem sobre as aulas de Educação Física, e por fim confrontar com as questões levantadas em nosso estudo, ampliando a compreensão dessa realidade local, e servindo de base para a reflexão e possíveis políticas públicas de formação docente, a partir do conhecimento dos resultados desses possíveis estudos.

## REFERÊNCIAS

1. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 43. ed. São Paulo (SP): Paz e Terra, 2011.
2. Freitas D, Rodrigues C. Educação Física e Educação Infantil. Rev. diálogos possíveis. 2008; 7(1): 1-7.
3. Barbosa AA, Magalhães MGSD. A concepção de infância na visão Philippe Ariès e sua relação com as políticas públicas para a infância. Rev. Examãpaku. 2008; 1(1) 1-8.
4. Simão MB. Educação física na educação infantil: refletindo sobre a "hora da educação física" Rev. Zero-a-Seis. 2005; 7(12) 1-17.
5. Ponce A. Educação e Luta de Classes. 7. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1986.
6. Gomes EDS. Educação (física) infantil: experiência do se-movimentar. Ijuí (SC): Unijuí, 2010.
7. Darido SC. Educação Física na escola: questões e reflexões. Rio de Janeiro (RJ): Guanabara, 2003.
8. Coletivo A. Metodologia do ensino de Educação Física. São Paulo (SP): Cortez, 1992.
9. Kunz E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 6. ed. Unijuí (SC), 2004.
10. Nascimento PC, Araujo ES, Miguéis MR. O jogo como atividade: contribuições da teoria histórico-cultural. Rev. ABRAPEE. 2009; 13(2) 293-302.
11. Sayão MN, Muniz NL. O planejamento na educação física escolar: um possível caminho para a formação de um novo homem. Rev. Pensar a Prática. 2004; 7(2) 187-203.
12. Corsaro WA. Sociologia da Infância. Porto Alegre (RS): Artmed, 2011.
13. Ferreira S. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. In Minayo MCS. (org). Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.
14. Marconi MA, Lakatos EM. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. Ed. São Paulo (SP): Atlas, 1996.
15. Barbosa MCS, Horn MGS. Projetos pedagógicos na educação infantil. Porto Alegre (RS): Artmed, 2008.



16. Saviani D. Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações. 3. ed. São Paulo (SP): Cortez, 1992.
17. Silva TT. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. 2ª ed. Belo Horizonte (MG): Autentica, 2001.